

DEPOSITO/LEGAL

MARIA RITA



SEMANARIO

MEMORIAL

ASSALTO LUIZ
CORREIO MARINHO
PÊLO DE ANTENAS

Editor: Octavio de Figueiredo
OCTAVIO DE FIGUEIREDO
OCTAVIO DE FIGUEIREDO



Da hora que passa...



OCTAVIO
DE FIGUEIREDO
1933

Afonso Costa—O que fez fugir o Ramada foi eu dizer que já não jantava...
Cunha Leal—Pois é dar agora outra entrevista e dizer que jantamos quatro vezes por dia...

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.^{da}

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00

Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00

Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00

Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

RELAÇÃO DOS CONCORRENTES ADMITIDOS

AO

JOGO DO QUINO

Concorrentes com 15 pontos:

Abílio A. Martins (de Lisboa).

Concorrentes com 14 pontos:

Manuel Augusto Aranha, J. Sequeira, Alvaiado, Rosa Lopes.

Concorrentes com 13 pontos:

Lizé, Zecas Laines, Mário Firmino, Intrépido Sem Mêdo, José da Costa Soares, Mamarracho, Zé Miranda, A. Lopes, Guicha.

Concorrentes com 12 pontos:

Cipriano Jardim Aranha, Fernando António Castro Silva, João Manuel Jardim Aranha, Manuel Correia, Octávia Maria, Pimpão Altamira, X Altamira, Zé A. 1000, Zé Zabumba.

Concorrentes com 11 pontos:

Angelo de Meneses (Olegna), António Vicente da Rocha, Rei do Azar, Manuel Portas Bértolo, Medeiros Martelo, Joaquim Geraldês, Fernando A. R. Silva, Eurico Malafáia, Alberto Ribeiro, Alberto Pinto 5.º.

Concorrentes com 10 pontos:

Alvarcarso (Gaia), José Rosas da Costa, Mário Rosa, Rosa de Andrade, Ricardo Alves Franco,

R. S. T. V., Alberto Pinto 4.º, David Costa 2.º, Carlos Pereira Ramos, Nobial Trocas, Daniel da C. Martins, Um algarvio, Sêcoalho I, Sêcoalho II, Domingos Ferreira da Silva, F. Leal Júnior, João Tino, José Alves Leal, Luís Pinto da Silva.

Concorrentes com 9 pontos:

Abel da Cunha, Arnaldo Sousa Ramos, Dário Aug. Barreto de Oliveira, Eduardo Coelho da Silva, Fernando da Silva, Faz tudo e não faz nada, Joaquim Ferreira Júnior, Joaquim Aug. Vieira, José de Freitas, Manuel Cerqueira, Nicolau Leandro da C. Negreiros, Vítor José, Amarantino, Arcénio Antunes, António Carlos Miranda, Abílio Macedo Rodrigues, Armando S. Carvalho, César José Poças, David Costa 1.º, José dos Santos Campinas, Luís Cerqueira, Monteiro II, Zir-trak, Sempre Pronto.

Concorrentes com 8 pontos:

Fernando Heitor da Silva, José de Oliveira Marques, José de Sousa Cruz, Joaquim Leite, Lírio Fernandes, Tenho Pouca Sorte, Jorge Carneiro Alegria, José Gil, Olívia Monteiro, Manuel Raquel Milhano, «Dulcinea», António Gomes Ferreira, Bento Pereira, Alberto Pinto 1.º, João Tino, F. Leal Júnior II, Faco, João Belezá.

Concorrentes com 7 pontos:

Arnaldo Pereira, António Pereira, António Carneiro, Alexandrino Machado, Clarinda Mendes da Silva, Herói sem fama, Maria Adelfina Santos, Manuel Cerqueira I, Serafim Pinto da Silva, Saxies 3.º, Belarmina Costa da Silva, Juca, Camilo Alves, Clotilde Matos Cordeiro, Aug. António Flores, António Aug., António Soares de Sousa, Alberto Pinto 2.º, Fernando A. R. Silva, Felicidade Beires, Pirolito.

Concorrentes com 6 pontos:

António Amaral, Pirolito, Domingos Ferreira da Silva, Fantasma Negro, Carlos Aug. Rodrigues, Luciano da Rocha, Alberto Pinto 6.º, Alberto Pinto 3.º, Joaquim Queiroz, Vítor Rodrigues, Américo da Silva.

Concorrentes com 5 pontos:

Arménio Alves da Silva (Rei Vagabundo), Fernando Coelho da Silva, Delfim de Freitas.

Na próxima semana daremos a continuação dos nomes dos concorrentes, cujos recortes da última partida só chegaram à nossa mão depois de quinta-feira.

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, na Foz e em Matozinhos 14 ADEGAS: R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 198-195; R. do Teatro S. João, 91 (Vulgo Cima de Vila); R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395; R. de S. Roque da Lameira, 2785; Aven. Fernão Trav. da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braancamp, 638; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 288-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Aven. Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Aquele espiclondrífico Leão Daudet, que deve ser tanto de «telha» como de talento, lembrou-se agora de pedir à Sociedade das Nações que interceda junto do govêrno espanhol no sentido de ser posto em liberdade o doutor Albiñana, prêso e esterrado pelas autoridades madrilenas.

Leão Daudet é realista. Albiñana, também. Encontram-se um pouco, mesmo, no ideal político que consiste no govêrno monárquico absoluto. De aí a simpatia do fundibulário francês pelo médico espanhol e o seu desejo de o libertar do último africano.

Tanto a simpatia como o desejo são justos. Mas onde Daudet se engana, revelando uma ingenuidade verdadeiramente infantil, é em impetrar o auxílio da Sociedade das Nações, aquele híbrido organismo funcionando em Genebra e que não serve para coisa alguma senão para gastar dinheiro aos Estados que nela se fazem representar.

Bem se cansou a S. D. N. em arreganhar o nariz ao Japão, e a China continua a levar pancada. Ameaçou a Bolívia e o Uruguay, e ambas as repúblicas sul-americanas a mandaram pentear macacos. O próprio Gabriel de Annunzio — um poeta! — se riu de ela às escâncaras, apoderando-se de Fiume e metendo algodão nos ouvidos para não escutar as recriminações minazes que choviam da Suíça.

Depois de tudo isto — e de muito mais que não vale a pena recordar — como quer Leão Daudet que o general Azaña faça caso de um pedido formulado por uma voz que ninguém atende?

Decididamente, o atrabiliário escritor gaulês meteu-se, quando criança, a dentro do livro mais popular de seu pai, e ainda de lá não saiu. E' o Tartarin mais completo que pupilas humanas teem visto.

Já que falamos em D'Annunzio: ao mesmo tempo que um periódico — espolhador das vidas alheias — nos comunica ter o super-homem italiano ultimado um poema, *O Vagalhão*, que o não satisfaz e não deseja dar à publicidade, participam-nos outros que caiu o último dente ao glorioso autor da *Filha de Jório*. Acontecimento sensacional, sem dúvida, tratando-se de tão importante personagem. Logo o telégrafo trabalhou,

anunciando ao mundo culto que o último habitante dos maxilares do Poeta havia mudado de domicílio. Não admira. Também o Teodoro do *Mandarim*, quando cometia uma indelicadeza sonora, tinha o gôsto de ver estampada em tôdas as gazetas a importante noticia.

Qualquer de nós, simples mortais sem génio e celebridade, quando se nos despega um dente, se limita a contemplá-lo um instante com tristeza, atirando-o em seguida para o barril do lixo. Gabriel de Annunzio, não. Conhecendo bem o valor da joia — esmalte e marfim, a-pesar-de tudo — mandou-lhe fazer um estôjo primoroso, meteu-o dentro... e enviou-a, como valiosíssima oferta, a uma actriz italiana. D'Annunzio teve sempre um fraco pelas actrizes. Quando estava com a Duse, os dentes, ainda então sólidamente implantados, serviam-lhe... para morder a desventurada artista, como esta própria declarou ao depois. Agora, destacados do alvéolo, utiliza-os como prenda afectuosa. Ao menos, assim, servem ainda para morder... uma reputação.

Não sei se os meus leitores veem bem a emocionante cena: Gabriel de Annunzio olhando melancolicamente o dente caído e o manuscrito que lhe não agrada. Logo, apoderando-se dos dois; e descendo ao jardim, para atirar o poema à fossa da lixeira, enquanto murmurava:

— *Dente fora,*
«Vagalhão» na cova...

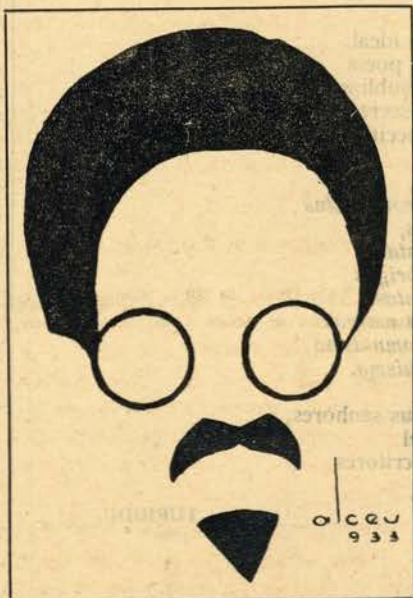
E por último, remetendo o molar ao ourives, para que o emmoldurasse num receptáculo digno de tão rara preciosidade, com a recomendação de o transferir para as mãos da formosa artista teatral.

O pior, porém, é que D'Annunzio está velho. Todo êle uma ruína. A actriz, portanto, não encontrou graça alguma ao presente, evocador de um passado de *gourmet* e de um futuro sem beleza. E teve um gesto: pegou no estojo mais no dente, e enviou-o a um jornal, a-fim-de ser pôsto em almoeada. Comprou-o a municipalidade de Milão por três mil libras.

Não se pode dizer que fôsse muito caro. Muito mais do que isso ofereceram há quatrocentos anos os hindus pelo dente de Buda na posse do vice-rei Constantino de Bragança. O alarve não aceitou o dinheiro, e mandou esmigalhar a preciosa reliquia num almofariz. Deve ter sido este o maior acto de estupidez praticado por um lusitano.

Grande pena que o príncipe de Montenevoso só agora reconhecesse o valor estimativo dos seus dentes! Deixou desaparecer, em pura perda, os restantes trinta-e-um, que de-certo teriam sido comprados, a pêso de ouro, pelas outras cidades italianas, rivais de Milão. Mas não importa. De aqui a um quarto de século há de haver no Lácio mais dentes do poeta do que grãos de areia na costa. Todos autênticos. Sem dúvida. Tanto, pelo menos, como os ossos de S. Frutuoso espalhados pelo mundo e que, reunidos, pesariam toneladas...

Marcial JORDÃO.



TROTZKI

(por Alceu)



Balancete da semana

D. Aquiles Machado, secretário geral da Academia, foi pôsto fora, à força aposentado, pois fêz setenta anos outrodia, e o limite de idade não perdoa. Porém *A Voz*, que às vezes encorda com as revoluções de quem governa, foi ao arame; e, muito pouco terna, bradou: — « Pouca vergonha! Não deve proceder-se de esta sorte! Setenta, é uma idade inda risonha. Há muito quem os tenha e seja forte, muito longe da negra caquexia! » E' justa a reprimenda, sim senhor! Só lhe esqueceu dizer, com mais vigor, que, para funcionar na Academia, um ancião tem sempre serventia, — e quanto mais caquético, melhor!

* * *

Outro jornal, batendo o mesmo assunto e verberando o ambíguo presidente, grita indignado, e rubro qual presunto, que aquilo é porco, e porco, simplesmente. Enganou-se à *demi*; porque, afinal, foi um Leitão sòmente quem se viu de repente secretário geral...

* * *

Nunes da Mata, outrora senador e hoje o poeta de maior valor que existe em Portugal, publicou um poema que é a expressão suprema do *savoir-faire* e do mais alto ideal. Chama-se o parto cerebral do poeta « *S. Pedro e o ateu* », e é tão sublime, que eu não resisto à tentação secreta de transcrever aqui, como especime, uma estrofe completa:

*O que ninguém desculpa aos comunistas
Do individualismo os inimigos,
Mais ferozes, cruéis e terroristas
E' tentarem deixar sem ter abrigos
Os mui pacatos frades optimistas,
Que juntos nos conventos, bem amigos
Se encontram já vivendo em comunismo
Sossegado, tranqüillo, em altruísmo.*

Digam-me depois de isto, meus senhores, se é preciso gastar tanto papel p'ra saber qual dos nossos escritores vale o Prémio Nobel...

TURIDDU.

Pousa aqui... pousa ali...

Cá se fazem, cá se pagam!

Portugal tem entre seus braços carinhosos e acolhedores exilados políticos brasileiros e espanhóis.

Quem tal havia de dizer há uns quinze ou vinte anos!

A nossa querida terra era considerada como País de malfeitores e de bandidos, por aqueles mesmos que agora se refugiam sob o sol acariciador e reconfortante do bendito Portugal!

Chamávamos Nação Irmã ao Brasil, e ela agradecia-nos com epítetos amáveis e gentis: — *Qui terrinha disgraçada, santo Deus! País di cafres e galegos qui anda sempre em revolução!*

Abraçávamos os *Nuestros hermanos* e êles retribuíam-nos: — *Cochinos portugueses! Demagogos sinvergüenza e Mexicanos de la Europa!*

Pois foi para o país dos Mexicanos, dos Galegos e dos Cochinos que vieram os exilados políticos da Espanha e do Brasil!

Tudo se paga neste mundo, e já lá dizia o outro: — Ninguém *escupa* pró ar!...

As voltas que o mundo dá, louvado seja o Senhor!

Progresso e Murro Civilização Gangsteriana

Na América do Norte vai realizar-se um combate de murro, entre dois célebres cavalheiros que se governam à custa da estupidez e maldade dos homens, combate que deve render, segundo os cálculos dos luminares que percebem da poda, qualquer coisa como vinte mil contos!

E' nessa mesma América grandiosa e civilizada, que lincha prêtos e tem arranha-céus, que se encontram dez milhões de desempregados, muitos dêles passando fome e miséria e berrando a sua desgraça aos surdos ouvidos dos super-civilizados feitos de cimento armado, vigas de ferro e gasolina.

Para verem dois selvagens aos murros — vinte mil contos!

Para darem de comer aos famintos — nem uma de xis!

Grande nação, inventora do *jazz-band* e das casas muito altas, dos secos, dos húmidos e dos celebérrimos *gangsters*, símbolos de paz e amor, de bondade e de carácter, de civilização e progresso.

Hurrah, pelos *gangsters!*

Hurrah, pelos *boxeurs!*

Hurrah, pelos secos e molhados!

Para
pintar
paredes

MURALINE

RUA DO ALMADA, 20 A - TEL. 2571

uma tala que se

prepara em
seca em 10
dura 10
minutos
horas
anos

Teatrices e Cinemices

O *Rivoli* tem exibido uma película, intitulada *A' procura dum milionário*.

Noutro cinema compreendia-se que fôsse preciso um capitalista, mas no "Rivoli" é para admirar!

Andarem à procura do que teem dentro de casa, já nos parece descôco.

A não ser que o Sr. Pires Fernandes se tenha perdido...

— Que tal a Beatriz Costa na *Miss Diabo*?

— Gentil, engraçadinha... Não será uma *Miss Diabo* perfeita, mas é com certeza uma Miss... tinguet.

O *Trindade* passou há duas semanas um filme encantador: *Uma hora contigo*, do nosso camarada Maurice Chevalier e da apeteçível vedeta Jeanette Mac Donald.

A' saída de uma das sessões, um cinéfilo que ainda não esqueceu o sexo, dizia, olhando para o retrato da Mac Donald: *Uma hora contigo*, por seis escudos, não é caro.

— Referia-se ao preço do bilhete. *Hony soit...*

Eu fui ao *Carlos Alberto*
P'ra a *Cremilda* poder ver
E na *Viela dos Gatos*
Eu vi ela com prazer.

— O *Amarante* tem feito uma bela época no *Sá da Bandeira*.

— E' o homem da sorte. Com as mãos *criminosas* vai-nos tirando o dinheiro das algibeiras.

Fômos ver a *Mata-Hari*, a reclamada película em que entra o duvidoso anfibio Ramon Novarro.

Tadinho do rapaz! Os esforços que êle empregava para fingir que gostava da Greta!

O que não há direito é de fusilarem a *Mata-Hari* e não espetarem dois tiros no *Ramonzinho*!

Beatriz, a tua graça
Tão vaporosa e gentil,
Lembra as rosas perfumadas
Dos jardins do Estoril,

E como tens no olhar
A luz forte dum farol,
Bem te podemos chamar:
Beatriz... Costa do Sol.

Entre dois cinéfilos:

— Ai, eu gostei muito do *Burrié* da Beatriz. Saboreei o *Mexilhão* muitas noites.

— Eu não. Aprecio mais o *Pirilau* do *Amarante*.

Em dois teatros de Lisboa, estream-se últimamente duas peças que a crítica não recebeu de maneira lisongeira: *De capa e batina* e *Pé descalço*.

A crítica deve ter razão. Não faz sentido que se ande de capa e batina sem trazer botas nos pés.

O *Sá da Bandeira* arrematou as Marias tôdas. Maria Alvarez, Maria Bernarda, Maria Laura, etc., etc.

Apareceu uma Maria, e zás! as outras Marias juntaram-se, para justificar a frase: "Maria vai com as outras".

"Há mais Marias na terra"
E' costume ouvir dizer.
Mas haver mais que no *Sá*
De-certo não pode haver.

Isto é, falta lá uma,
A mais gentil e bonita.
Já adivinharam qual é?
A nossa MARIA RITA.

FERVIDO.

PERFIS DO PORTO

XXXIII

DR. MIGUEL BRAGA



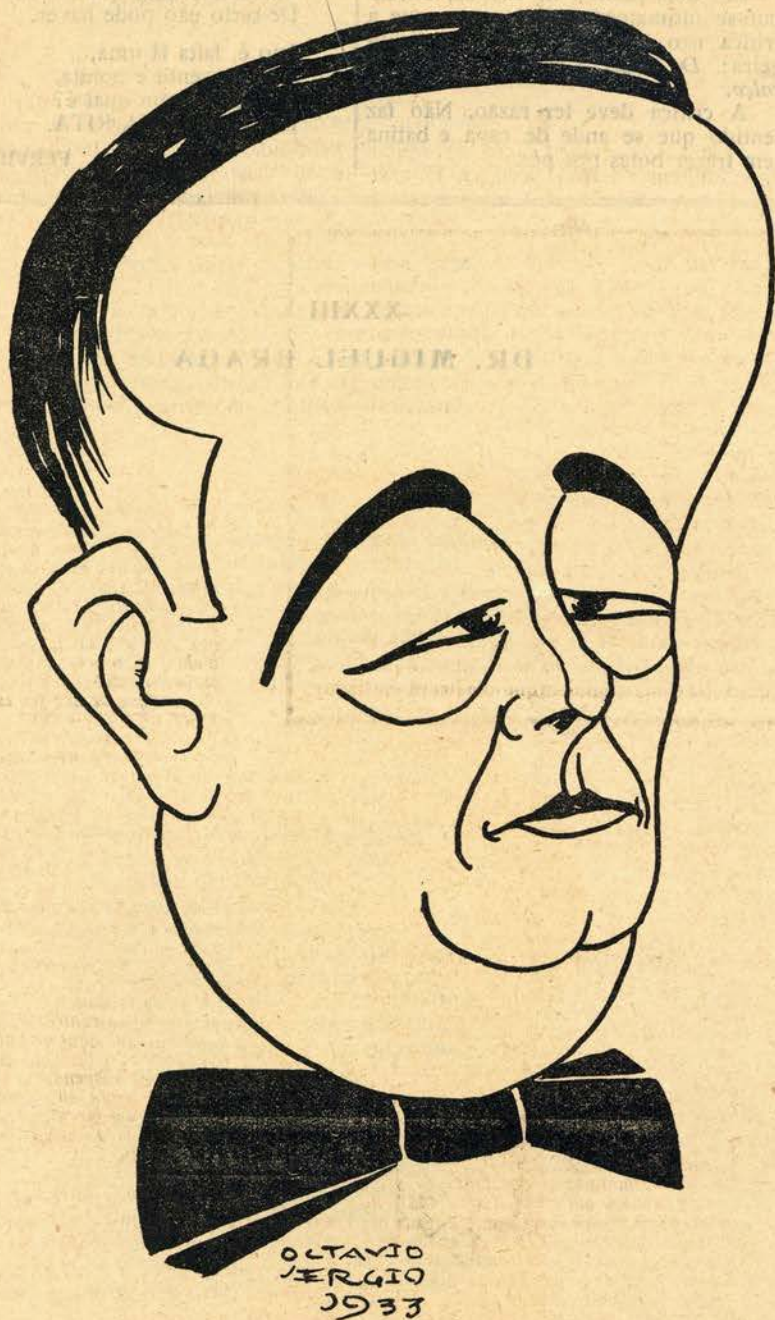
Conservador por índole... e profissão, assim na Política como no Registo Civil. Um bom amigo do caricaturista, ainda que pese aos jacobinos, aqui fica a pública homenagem, de coração nas mãos.

Aguias & Cágados

—Máximos e mínimos de Portugal—

VIII

DR. RAMADA CURTO



Político notável, é o único homem que, sendo vesgo, não olha contra o governô...

Em Lisboa estive no cartaz do *Nacional*, uma peça da nossa ilustre camarada D. Virgínia Vitorino, intitulada *Fascinação*.

Disseram os jornais e a crítica que era uma peça para senhoras. Olha a grande novidade!

Sendo da D. Virgínia havia de ser para homens?!
Ora o disparate!

MARIA RITA é o jornal humorístico
: : : : de maior expansão : : : :

O nosso Caricaturista e o panorama político português

Como santas almas de liberais de trazer por casa, quasi tôdas *socialistas* com u, andem por aí alarmadas por julgarem na eminência de perigo a integridade política do nosso caricaturista porque êle, antes de mais nada artista ousou beliscar o partido do Sr. Ramada, declara-se publicamente que Octávio Sérgio, maior e vacinado, é senhor das suas acções por pensamentos, palavras e obras, não dando satisfações ao Partido Socialista, nem ao Democrático, nem ao Esquerdista, nem ao Monárquico, nem ao Católico, nem ao Integralista, e nem mesmo à União Nacional, porque deseja continuar a ser caricaturista e não lhe é fácil cair na asneira de se filiar onde precisamente mais abundam os motivos da sua inspiração.

Para que conste entre *gregos e troianos* e sobretudo para que se tenha a certeza de que são miseráveis uns pândegos analfabetos que dizem na tagarelle dos cafés *estar o nosso caricaturista a engraxar a situação*.

Com que, comentar os podres lá do Partido é engraxar a situação?

Ora não há!

Muito sabedores, êsses senhores...

Ah! e sobretudo, honestos, apumados.

REFERENCIAS

Além das costumadas referências dos colegas portugueses, especialmente as do *Primeiro de Janeiro* e *A Montanha*, registamos hoje gratamente uma notícia da revista mexicana *Nuevas Ideas*, que pela espontaneidade e ainda por que se trata de uma publicação de carácter intelectual, muito e muito nos desvaneceu. Vem no número de Janeiro do corrente ano, e é do seguinte teor, a referida nota:

«Um periódico português, MARIA RITA, publicou há pouco uma caricatura de Octávio Sérgio que não continha mais do que muitos clérigos em atitudes diferentes, porém, rindo todos.

Em baixo dizia: *O que pensa o clero espanhol de tôdas as repúblicas em geral e da espanhola em particular*; e em cima, como título, isto sòmente: *Rira bien*.

Em frente da desorientação humana que nunca foi tão grande, nós também pensamos que aquele que possa olhar os touros da barreira, e desde que não morra cedo, terá ainda que rir muito.»

Se nos lembrarmos de que já um outro jornal de grande cotação — *Lu* — reproduziu, além da legenda, o desenho em questão, temos forçosamente que nos felicitar, abraçando o nosso camarada Octávio Sérgio, que é quem mais directamente lucra.

DESCANSO SEMANAL

Roupa velha

comprada aos trapeiros de tôdas as semanas

Como V. Ex.^{as} poderão verificar pelo relambório abaixo, o ano de 1933 também chegou a Cacia e foi recebido com estrondosas salvas de 21 asneiras em cada artigo do *Ecós*.

O Damião despiu o avental branco de amassar pão, tirou da cabeça o tradicional barrete de não deixar cair habitantes do cabelo e regiões limítrofes na farinha, e pegou na caneta da asneira permanente.

Vejam o que êle escreveu à laia de artigo de fundo no seu jornal de 7 de corrente:

Ano Novo

Salvé, ó Ano Novo que nos acenas com o facho da luz suave com que pretendes alumiara os primeiros passos da tua entrada no seio das gerações!

Entre o ano que vai decorrer e o ano que lá vai, só notará o leitor a pequenina separação de uma expectativa acariciadora de que a lotaria da vida lhe traga premiado o número 1933, do bom andar da sorte; que 1933 lhe traga mascote e lhe ratifique o que uma vidente porventura tenha lido nos mistérios do futuro, nas linhas curvas do intrincado dos preságios, será o seu sonho, e seu desejardente de hoje também.

Isto não é um artigo de fundo; é um artigo pró fundo. Mas há mais, graças a Deus.

Estanquem os lábios a onda de amargura profunda, que não nos desvaire a paixão do sofrimento e procuremos ver o novo quadro que o ano de 1933 nos aponta no seu pendão de eloquência, escrito em frases seladas do punho da originalidade, poderosas no seu vigor, brilhantes nas suas tintas, animadas nos seus tons inimitáveis.

Damos por felicidade compôr, de fantasia, o frontispício desse quadro que deve ser grandioso para captar a aceitação e os louvores que o ano que findou não conseguia alcançar.

Nimbado pela luz pura do Sol nascente, consola ver como se dissipam as trevas derradeiras ao despontar os novos rebentos da árvore da civilização, que vencem em vigor e em formosura aqueles que, nas mesmas vergôntes, já se mirraram.

Não virá uma nova prole intelectual ou a consagração da história, sempre generosa em louvores pessoais... mas vejo que o Novo Ano floresce, brilha, irradia, destinando-se a formar o cortejo de nomes ilustres, a coligir tesouros de sabedoria que se abrem para a humanidade.

E fiquem com a certeza absoluta de que lhe não alteramos uma vírgula.

Este *Ecós* é admirável: não há ninguém em Portugal que seja capaz de o imitar.

Vejam agora outro naco de eloquência, também referente a 1933. E' assim:

ECOS DE CACIA, o conceituado e indefectível defensor da Região do Vouga, no seu último número tardiamente chegado à nossa mão, lança-nos um repto pela pena do seu colorido escrevinhador «Pérola Verde».

Chama-nos à liça, e encima o seu artigo com o pomposo título de Campo da Honra, da mesma forma que poderia chamar Campo das Cebolas ao estrugido fumegante de indignação.

Pérola Verde, que da outra vez se limitou a atirar a pedra e a esconder a mão, desta feita perdeu o pé e ficou uma Pérola à solta com pés de outro feitio. Duvidamos que seja lá do sítio, cá por coizas; mas vê-se bem que tinha razão de se ir para lá chegando, porque a verdade é esta: «Deus fê-los... e êles juntam-se».

E por hoje diremos apenas que temos muitíssimo prazer em juntar esta pérola ao collar de raridades que vamos colecionando. Antes, porém, é conveniente furá-la; e é isso o que faremos no nosso próximo número. Até lá, descanse o nosso homem que não ficará «enfiaado».

nado por um F. apenas; e nós a-pesar-de consultarmos uma zoologia inteira, não pudemos perceber a quem se refere êste F.

1933

Nasceu de um sopro e de uma chuva. Não viu o sol da madrugada. Trouxe consigo os frios do inverno; não deve por tal motivo ser muito calido. E talvez que isso assim favoreça a agricultura. O ano que findou também teve uma fase que fez prever abundantes colheitas e afinal só o trigo foi em relativa quantidade o que fez que não houvesse este ano importação de trigo exótico.

Como sempre, já varios pitonisa fasm seus anúncios e vaticínios sobre acontecimentos futuros.

Nos limitamos a observar os varios acontecimentos dia a dia desenrolados ao nosso redor, ignorantes como somos em profundar a Natureza. E dos acontecimentos que a dar se venham, só no fim do corrente ano poderemos dizer se lá chegar-mos com vida e saude. Que até ao presente chegamos nós e não sabemos o que será o dia de amanhã.

Com verdade só podemos dizer que no dia 31 de Dezembro deste ano corrente, que cai a um domingo, e é como todos os anos o dia de S. Silvestre, minutos antes de badaremas 12 horas da noite, ou se querem, as 24, muito gastronomie se encontrará já sentado á mesa para se bouquetear com opipara ceia fim do ano.

F.

Como vêem, êste F., além da beleza da prosa, falta à verdade.

Nem o dia 31 é dia de S. Silvestre, nem caíu a um Domingo.

Perdoa-se-lhe, porém, porque êle declara em cima que é ignorante em profundar a natureza. Infelizmente não é só nisso que se manifesta a ignorância do senhor F. Ela é tão grande!...

E para fechar, um F. cadinho da correspondência de *Mataduchos e Alumieira*, correspondente é sem dúvida, o melhor colaborador da MARIA RITA.

.....
— Também começaram os trabalhos na reparação, das estradas de Mataduchos, as quais as chuvas teem prejudicado muito, porque tem chuido bastante, até que as ditas chuvas tem feito na pedra e terra que por ali deitam, um lamaçal enorme, que para se tranzitar por algumas d'elas, é preciso arregaçar as calças até aos joelhos.

Porque se não fêz esta reparação em pleno verão?

— O corte dos combros, va, prosseguindo para o alargamento de caminhos, espera-se que não se esqueçam do que vai da capela para a fonte e lavadouro, que já está transformado em tunel, mas estamos certos que aquele não vai sofrer a sua póda, pois toda ajente daqui sabe, que ali mora o sr. Manuel Simões da Cunha Dionisio, e que tem lá um casêto atrás da porta... se me tocas!!!...

Não quero dizer que ele bata em qualquer criatura, o que ele não quer, é que lhe cortem as silvas que vedam a terra que já foi caminho publico.

Não será isto verdade?

O'ra digam-nos o contrario.
— Dizem-nos que aqui no burgo certo escriva anda muito desantado, pelo facto de o Diario da Noite suspender a sua publicação; pois que anda chorando todo o tempo que perdeu em mendigar pelos seus poucos amigos alguns escudos em beneficio d'aquelle jornal.

Pedimos encarecidamente ao Sr. Manuel da Cunha Dionisio o favor de pôr o seu *casêto* ao serviço de melhor causa: queira ter a bondade de o pôr a passear nas costas d'esses escrevinhadores lá da terra!...

NAS

Galerias Lafayette

— da RUA FORMOSA — PORTO —

todos os artigos
teem um cunho
parisiense inextinguível
AUX GALERIES LAFAYETTE

Ouvindo o Partido Socialista do Porto
Concursos de provas escritas e orais

N O farto seio do Partido Socialista cá do burgo houve as suas coisas por causa da nomeação do delegado a enviar a Genebra.

Era costume enviar o Sr. Carneiro, ex-trabalhador e hoje infatigável socialista dos quatro costados... e mãos nas algibeiras, mas como não cheirasse muito bem isto de Carneiro com Genebra, vá de protestar, de dizer, de intrigar.

MARIA RITA, que, como o *Pathé Journal*, tudo sabe, tudo vê, tudo diz e tudo informa, faltaria a um dos seus mais sagrados deveres se não arquivasse nas suas colunas o tão momentoso assunto da *Tomada de Genebra* pelos socialistas tripeiros, façanha muitíssimo mais audaz do que a Tomada da Bastilha.

Ouvindo o Sr. Joaquim Silva

O Sr. Quim Silva, um metro e vinte centímetros de socialismo absoluto, mora nas horas vagas no *Café Sport*, onde, por entre goles de café-zinho a ferver, prega o catecismo da *Casa do Povo*.

E' um homem pequenino, de carnes sêcas, ossudo, que fala pelos cotovelos, fenómeno de estarrecer, porquanto, como os leitores muito bem sabem, tôda a gente fala pela bôca...

E' verdadeiramente o que pode chamar-se um socialista sonoro, 100 %

falado, e já alguém lhe chamou a *velha grafonola* do Partido.

Tezinho, desembaraçado, o nosso amigo Quim Silva oferece-nos uma cadeira para que abanquemos à sua mesa do *Sport*.

Estão presentes o Moreira e o Carneiro.

O Moreira, ao contrário do Joaquim Silva, é um socialista 100 % calado, o que lhe fica muitíssimo bem, pois o silêncio é de ouro, e os socialistas não são tão inimigos do ouro como parece... Carneiro, êsse gosta de falar, mas o Silva não lhe dá tempo.

Joaquim Silva faz resvalar com um piparote o chapéu para a nuca, e diz:

— É uma entrevista? Pois comece lá como quiser...

O jornalista, pigarreando a solenidade da investida, entra de falar:

— Deseja o meu jornal que Vossa Companhia lhe diga alguma coisa acerca de Genebra... A propósito: vai um calicezinho?

— Obrigado, não tomo nada sem açúcar. A garganta não mo consente...

— Ah! Vossa Companhia sofre da garganta?!

— Pois é. A garganta de um socialista é uma coisa que se gasta com facilidade... E é pena, porque, não desfazendo no Partido Democrático, quási todos os elementos do Partido Socialista davam esplêndidos

tenores... Eu ainda hoje canto uma *quaisquer* coisa nas assembleias do Partido, nos funerais e onde melhor calhe, mas esta *rouquidade* prejudica-me um migalho...

— Mas — voltou o jornalista — o que houve no seio ou úbere do vosso partido com respeito a Genebra?

— Bem vê, a Genebra é uma bebida forte que nem tôda a gente tem categoria para tomar... a sério. Eu por

mir realisticamente, — eram muitos, eu fui de parecer que se abrisse um concurso de provas públicas para escolher o *cãodidato*.

Um concurso original com várias provas...

Organizemos então um concurso com muitas e *defecilemas* provas...

crito. Ora, *bocê* está a *ber*, aquilo foi medonho.

Lá *bober*, *boberam* muitos, mas a maior parte dêles, de impressionados que ficaram, não puderam escrever as impressões digitais do seu nebuloso intellecto e até alguns, com um dedo no ar, pediram para ir lá fora...

Houve um único examinando que apresentou prova em têrmos, em letra bem legível! Fino como um coral!

Quere *bocê* ver o que o malandro escreveu?

O sr. Silva rapa da carteira que usa desde o tempo em que era um simples burguês e de entre imensa papelada, tira a prova do *cãodidato* supracitado, que passa para a nossa mão.

O alcoólico concorrente escreveu em magnífico cursivo, o seguinte:

«O' Maria trás cá a escada e tira-me as calças pela cabeça que eu já estou todo socializado».

A êste deu o júri 20 valores na prova escrita e ao outro dia *realisemos* as provas práticas, que consistiram na ingestão de 50 cálices de Genebra *Focking*, ou, mais simplesmente, *genebra de fôcas*, nos mesmos 25 minutos, ou seja 2 cálices por minuto. Foi

um sucesso! Quando chegou à prova oral — pergunte ao Moreira, está aqui o Carneiro que não me deixa mentir — ia como umnabo, salvo seja.

Demos-lhe 28 valores e êle coi-

— ia como umnabo, salvo seja.

Demos-lhe 28 valores e êle coi-

O Júri de Concursos



Da esquerda para a direita: senhores Ginja, Bagaceira e Pingato

mim confesso que só se for um *bagacozito* de vez em quando... Lá para Genebra é que não tenho categoria.

Ora, como os pretendentes ao trono da nomeação, — deixe-me assim expri-

O candidato aprovado, que faleceu 24 horas depois do concurso

tado, ficou a dormir, cheio de entusiasmo!

Razões de pêso, porém, determinaram que não fôsse êsse o delegado, a-pesar-do brilho das provas... E' que o rapaz faleceu 24 horas depois, confortado com todos os Sacramentos do Partido, tendo vindo expressamente de Lisboa, *incorrectamente* vestido de fraque, o nosso Augusto companheiro Bourbon, que ainda por cima é Meneses!

O Partido ofereceu uma *coroa* de amoníaco para o rapaz levar no caixão para o outro mundo, tendo sido amarrada prèviamente ao gargalo do frasco uma fita preta com as seguintes palavras a oi-ro:

«Repousa lá no céu eternamente e viva o Partido cá no Pôrto sempre triste».

O', e foi uma grande romagem!

— De caixão à cova, não há dúvida nenhuma — acrescentou o sagacíssimo *reporter*, estendendo a dextra ao companheiro Quim e despedindo-se com uma cerimoniosa vénia do resto do Partido Socialista do Pôrto...

António Ferro-QUINOL.

A' última hora

Sempre foi o Alberto Carneiro.

A MELHOR QUE EU SEI

Anedotas, Epigramas & Calemburgos

No nosso último número foi premiada a anedota n.º 120.

N.º 126

Entre dois estudantes:
— Onde havemos de passar a noite?
— Sei lá! Espera, tenho uma ideia. Atiramos com um escudo ao ar. Se a moeda cair com as armas para cima, vamos ao cinema; se cair com as armas para baixo, vamos ao teatro; e se ficar em pé, vamos para casa estudar!

Remetente: Lérias.

N.º 127

Entre amigos:
— Tenho um cavalo que até dá gosto vê-lo comer.
— Porquê?
— Porque me abre o apetite.

Remetente: Amarantino.

N.º 128

Na instrução de recrutas:
O oficial — Pelotão! Dois passos em frente! Um dos recrutas ficou imóvel.
O oficial — O' rapaz! Não ouves o que eu disse: pelotão, dois passos em frente!
Recruta — Mas... eu sou Francisco, meu capitão!...

Remetente: Rei dos Nabos.

N.º 129

— Ouve, Jorge: quais são os animais que nos dão carne?
— São os carneiros, responde prontamente o aluno...

Remetente: Rei Vagabundo.

N.º 130

Entre criadas:
— Os meus patrões comem todos os dias cus-cus.
— Ah! Sim? Pois os meus comem com a bôca.

Remetente: Pouca Sorte.

N.º 131

— Vê lá se as conheces.
— O quê, são as botas que eu te dei?
— São, sim.
— Não acredito.
— Mas olha que as mandei transformar; mandei pôr-lhe solas, gáspeas, tacões e... canos. Custou tudo 95\$00.
— O' homem, então já não são as mesmas.
— São sim... Aproveitei-lhe os atacadores...

Remetente: Leunam.

N.º 132

Um prégador, que fazia o panegírico de Santa Maria Madalena, insistia muito sobre a infelicidade daquelas que imitando a santa na vida, a não imitavam na penitência, concluindo por exortar as devotas a mandar rezar missas. Uma à Virgem para as conservar em pureza, outras à Madalena para lhes dar o arrependimento.

Desce, depois, do púlpito. Certa menina abeira-se dele e dá-lhe doze vinténs (bons tempos!) para uma missa em sua tenção.
— A quem a hei-de oferecer, perguntou o padre? A' Virgem ou à Madalena?
— A ambas, meu padre, porque sou tão devota duma como da outra.

Remetente: O nosso irmão Viana.

N.º 133

Num tribunal:
O Juiz, ao acusado, um rapaz de 13 anos de idade — E tu, quando roubaste o anel não pensaste nos teus pobres pais?
O acusado — Não, senhor Juiz. E' que eles também não repartem os seus roubos comigo...

Remetente: Salvador da Costa.

N.º 134

Numa manhã frigidíssima, enroscado em felpuda indumentária, partiu para a capital portuguesa o sr. Ventrículo, com o cérebro fervente, para se ocupar dos negócios da Companhia.
Instalado no hotel, repousou e, dando crédito à ventura que belo sonho lhe prometera, abandonou sobre o travesseiro a parte que continha o objectivo da sua viagem.
De casa do agente, onde a custo chegara, telefonou-se para o hotel, mas à hora a que um esfomeado felino miava de desiludido.

Muito penalizado, resolve então o sr. Ventrículo telegrafar aos seus colegas a perguntar-lhes para que fôra a Lisboa (!); e quando o dactilógrafo lhe perguntou quem era o signatário do telegrama, êle, sorrindo da inocência da pergunta, responde pressuroso e admoestador:

— Sou eu, mas não ponha aí nada, porque quero assiná-lo, para que os meus colegas tenham a certeza de que é meu!
E... com ar conselheiral, assinou!...

Remetente: Raspa-te!

N.º 135

Graça fúnebre:
Últimos momentos de um condenado:
— Sinto-me desfalecer, meu padre. Tomava de boa vontade alguma coisa.
— Coragem! Dentro de alguns minutos estará almoçando com os anjos.
— Porque me não faz vossa reverendíssima a esmola de ir adiante e mandar pôr a mesa?

Remetente: João Belesa.

N.º 136

EPIGRAMA

A' rica, feia Alcina
Deu, enfim, Alberto a mão;
Ao saber tal nova riu-se
O Bento, audaz charlatão.

Ri-te, lhe disse Alberto
Ri-te, que eu também rio,
Eu só lhe tomei o peso
Não olhei para o feito.

Remetente: Octaviano II.

N.º 137

Numa feira:
O saloto — Por quanto vende esta albarda?
O vendedor — Por ser para si, vendo-a baratinha.

Remetente: António R. G. de Faria.

N.º 138

O filho dum judeu célebre estava em vésperas de casar com uma católica. O pai barafustava e discutia com o filho por causa da modéstia do dote (julgáveis que era por causa da fé?), alegando que era fácil achar melhor partido. O rapaz defendia-se e, por fim, declarou que casaria com ou sem vontade do pai e que se êle lhe não desse pecúnia, se faria cristão, além de requerer o benefício duma lei, pela qual podia obter metade da fortuna paterna.

O judeu ficou embaraçado e resolveu então consultar um letrado. Confirmou-lhe êste a existência da tal lei; todavia, acrescentou:
— Se vós quiserdes brindar-me com cem libras, eu poderei conseguir o malogro do requerimento.

Logo o judeu lhe deu as cem libras e, impaciente, esperançado, inquiriu qual era a forma própria.

A sorrir, responde-lhe o letrado:
— Nada de melhor podeis fazer do que abraçar também a cristandade.

Remetente: O Artilheiro de 1836.

N.º 139

Uma rapariga teve desejos de ter um menino Jesus, e para tal fim foi fazendo algumas economias. Quando lhe pareceu que tinha bastante dinheiro, foi ter com um jovem escultor, conhecido como óptimo para fazer meninos Jesus. Chegando ao pé do escultor, disse ela:

— Faz-me um menino?
— Faço.
— Mas olhe que o quero muito bonito, e com o cabelo louro, e olhos azues.
— Tudo se pode arranjar, menos os olhos azues.
— E porquê?
— Porque a menina os tem pretos e eu castanhos.

Remetente: Guerra Anjos.

N.º 140

— Ontem o meu cavalo ia-me comprometendo — dizia um sujeito muito conhecido.
— Que sucedeu então?
— Sai a passeio, e de repente o cavalo dá um grande pulo. Eu, firme.
— O' homem!
— Depois o cavalo pulou tanto, que lhe voo o freio!! E eu, firme.
— Jesus!
— Depois, dá novo pulo, que lhe atira a sela a mais de vinte palmos de altura, e eu sempre firme.
— Firme?
— Sim, senhor; firme no meio do chão, desde o primeiro salto.

Remetente: Kikinha.

Restaurante Portuense

(ANTIGO PINTO)

DE MESSIAS DE ALMEIDA

Rua de Entreparedes, 11—PORTO

Almoços com vinho 9\$00

Jantares com vinho 10\$00

Diárias com quarto desde 18\$00



FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Não sei se te acontece o que me acontece a mim: — ter uma incurável embriaguez aos provérbios. Há muita gente que gosta. Creio que até há maduros que fazem colecção. Cá por mim, — detesto-os, quem me quiser arrelhar, escusa de se cansar a procurar melhor forma; — é comentar coisa que eu diga, facto que eu veja, ou percalço que me aconteça, com o miserando chavão: — lá diz o ditado... — E zás!

Eu não nego a verdade de muitos rífoes; eles são os paradoxos da banalidade, que é muito virtuosa, muito verdadeira, e muito secante. Mas nem só a verdade importa neste mundo, caramba! É sobretudo, é odiosa uma verdade já feita, já definida, guardada como ficha de arquivo de identificação, que num dado momento saia do classificador e exclama: — pronto! Já te matei!

Este meu ódio vem de longe.

Eu fui como tu sabes, um rapazinho muito precoce; fui mesmo um *menino prodígio*; com tão completas características dessa medonha espécie, que ainda hoje estou para saber como me deixaram escapar com vida. Aos sete anos já fazia versos. Não sei por que descuido da glória, está ainda inédita a minha primeira quadra, que era esta:

*A noite está bela;
o luar, também.
As barquinhas passam,
sem passar ninguém.*

Não achas que prometia?...

Foi feita na Feitoria, que era a nossa casa à beira-mar; logo a seguir desatei a fazer versos patrióticos:

*Batalha de Aljubarrota
dás prova de valentia;
de espanhóis foste a derrota,
de espanhóis foste a tosquia.*

(e seguiam-se mais sete quadras truculentas, que se diriam filhas da aguerrida Padeira).

Pois bem, MARIA RITA. Nunca fui senhor de recitar as minhas produções diante de pessoas resignadas, que olhavam com tédio sorridente o meu colarinho *à mamá*, sem que me desfechassem, a solo ou em côro, um provérbio; e sempre o mesmo. Geralmente, uma senhora bondosa pegava-me no queixo, erguia para a sua a minha face banhada de timidez poética, e decretava, arqueando as sobrancelhas:

— Filho de peixe...

Ao que o marido, dando-me cafunés no cocuruto da cabeça, acrescentava com a gravidade de um oráculo, e o alívio de quem encontrou comentário: — ... Sabe nadar!

Em cinquenta por cento dos casos, a mulher queria dizer a última palavra; lembrava-se do meu avô, evocava mentalmente o *D. Jaime*, e comentava ainda:

— Filho, e neto de peixe!...

A minha mãe fazia uma careta que era para todos os efeitos um sorriso de sociedade... E eu, que tinha um mêdo que me pelava dos banhos de mar, sentia um friosinho na alma ante aquela natação atávica e simbólica, sempre imposta, como ferrete, como marca, ou como excelência prevista, aos primeiros vagidos da minha musa.

Hoje, graças ao Freud, já sei porque é que detesto tanto os provérbios.

E será talvez odioso procurar outras razões. Sim. Talvez eu não tenha razão em crer que

eles são odiosos porque, ainda por cima, há quatro provérbios para cada verdade simples.

O que o berço dá, a tumba o leva.

Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita.

São, ou não são, duas banalidades sinónimas? Enquanto *há vento é que se molha a vela. E' preciso molhar o furo enquanto está quente.*

Não é a mesma coisa?

Quem vai à guerra dá e leva.

Quem se sujeita a amar, sujeita-se a padecer.

Não é o mesmo, MARIA RITA? E'. Em muitos casos, e este é um dêles, pode a gente agarrar na metade de um provérbio e terminá-lo com a metade do provérbio sinónimo: — *quem se sujeita a amar, dá e leva*...

Por outro lado, há os provérbios antagónicos; como tudo é verdade, no mundo, como o preto e branco, para os mochos, e só é preto para os pardais, vá de construir provérbios que se desdizem.

Quem não quer ser lobo não lhe veste a pele? — Ora essa! — *O hábito não faz o monge...*

Quem vê caras não vê corações? — Tolice no caso, filha: *O mal e o bem à face vem.*

E se dizes que não se pode endireitar a sombra de vara torta; eu, que creio o contrário, afirmo-te que sim, embora tarde; e lá diz o rífoe, *mais vale tarde que nunca*...

Poderia multiplicar até ao infinito esta enfiadonha lenga-lenga. E ao fim de uma dúzia de sinónimos, seguida de duas dúzias de contradições, nem tu nem eu saberíamos já a quantas poderíamos andar.

Eu conheci dois grandes humoristas que cada um a seu modo, se propunham reformar os provérbios existentes, — com o sôldo por inteiro.

Um, o João Foca, — um brasileiro engraçadíssimo, adorável, — dizia que era preciso pô-los de trás para diante, e contava a história de um *D. Juan* que, vendo uma jovem mamá, num jardim público, a acompanhar a sua loira prole, ensarriçava esta de caramelos, muitos caramelos, porque: — *quem um filho adoça, minha boca beija*...

André Brun, espírito cintilante, também cedo desaparecido, propunha que se baralhassem as cartas — e se tornassem a dar. Assim se criariam provérbios novos, mais originais, mais modernos, mais robustos. E' seu este autêntico provérbio, mais certo e indisputável do que os dois provérbios a que pertenciam as suas metades:

— *«Quem dá o que tem, tarde ou nunca se endireita».*

Foi por ter lido esta verdade profunda que o Hindemburgo se arranjou para não pagar cheta. E a Alemanha endireita-se a olhos vistos, — seguindo uma política já proverbial...

Dispõe sempre do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.



A Estante da MARIA RITA

REPORTAGEM

Por Luís Teixeira.

Luís Teixeira, jornalista moderno, caricaturista completamente idem, acaba de publicar um volume sob a rubrica simples de *Reportagem*, em edição de Paulo Guedes, com uma bela capa de Kradorier, o admirável artista das sínteses gráficas.

O nosso caro camarada do *Diário de Notícias* é um espírito brilhante e culto, um rapaz do seu tempo, que tem feito uma carreira cheia de triunfos. Como se não fôra bastante notável por via de seus talentos já acreditados na praça, acresce que Luís Teixeira é quasi nosso conterrâneo ou que deveras o notabiliza, se lhes parece acertada a basófia...

Lá na comarca das Caldas da Rainha somos todos assim: escritores e caricaturistas. Isto bem de-certo vem do tempo da Ex.^{ma} Dona Lianor... ou então é das cavacas...

Reportagem, enfiava as interessantíssimas reportagens que Luís Teixeira tem feito para o *Diário de Notícias*, as quais seria pena ver perdidas para sempre na fugaz existência de um dia.

São quadros de mancha larga, tocados ora de lirismo, logo de ironia, mas todos flagrantes de verdade.

Desde Lisboa à Madeira, delicia-se a vista do espectador como na projecção de um documentário moderno, sintético, rápido, curto, mas profundamente incisivo.

O livro é enriquecido com 15 ilustrações, 14 do escritor e uma da lavra de Stuart.

Aqui fica um abraço para o admirável *repórter*, com os agradecimentos pela gentileza, tão tocante!, da oferta.

Octávio Sérgio.

Posta restante

A. Martins, Cabo Verde — Foi tarde. Consequimos apenas mandar as glosas ao Sebastião. Obrigado pelas boas palavras.

Ancor — O mesmo que acima dizemos. Foi pena. A sua carta de 13 só chegou a 16; porque será tanta demora? Mande sempre.

Mil Reis — Fixe. Venha sempre. Todas as páginas à sua disposição. Quer mais?...

Distracção, ou que?...

Na sucursal de *O Século*, no Rossio, encontra-se um sapato, de senhora, achado numa das ruas da Capital.

(Dos jornais).

*Ao que vejo — a sua dona,
com a tola ao derredor,
andava — qual atafona —
atrás dum sonho d'amor...*

*Que azougada e distraída
ia na rua, a senhora,
que não deu pela saída
do sapato, e o pé de fora?!*

*Co'a febril e doída pressa
que se dava no trajecto,
certo perdera a cabeça,
para ter perdido o objecto!...*

João do MINHO.

Tapetes, Oleados, Pergamoides

VENDAS DIRECTAS AO PUBLICO

M. Guimarães & Irmão

Rua das Flores, 84-1.º — PORTO

Meia bola e fôrça...

Os concursos para catedráticos

Acabou a fita de grande espectáculo levada à pantalha na Faculdade de Ciências da nossa Universidade. O mérito foi absoluto — ou quási.

Para três concorrentes, que prestaram as suas provas completamente de pé, a Faculdade só tinha duas cadeiras.

Lógicamente, era de esperar que dois dêles se sentassem e o terceiro ficasse de pé, ou mesmo de cócoras, o que equivale, duma forma ou doutra, a dizer-se que foi excluído.

Esses três concorrentes «fizeram-se» afincadamente, com unhas e dentes, aos assentos desocupados. E se êsses assentos ainda não foram substituídos, se as cadeiras estão tão bem conservadas que parece terem vindo agora do feitor, é isso devido ao cuidado de, todos que delas se teem servido, as usar o menos tempo possível.

O veludo dos estofos está completamente novo, o que prova que o ensino em Portugal se resume ao princípio económico — «poupa o alheio como se fôsse teu».

Há quem repare que as aulas sejam o menos possíveis e com o menor número de horas por semana.

Nós não, e até aplaudimos a razão que tal determina. E senão, vejamos: além de não haver desdobramentos e o pagamento das horas suplementares aos professores, há a conservação do material escolar, que deve ser tomada em conta.

Honra, pois, aos nossos mestres que tão bem sabem poupar as coisas públicas! Oxalá os novos catedráticos façam

mais que os velhos, para justificarem a asserção: «a hora é dos novos».

Para a frente, senhores professores, e creiam na gratidão dos rapazes.

Dr. BARNABÉ I.

Lições de zoologia

Pelo Prof. ZOOGRAFÍLICO

XII

O caracol

(*caracolis cornupetus*)

Lyneu

Venho hoje substituir o meu illustre colega e dilecto mestre de nós todos. Como seu assistente, procurarei, com o meu pouco saber, honrar a tradição das suas sapientíssimas lições.

O caracol é um animal de que todos teem conhecimento, mais ou menos directo.

Há-os naturais e há-os feitos artificialmente com o ferro de frizar.

E' um animal vulgaríssimo na cabeça feminina, ora na testa, ora sobre as têmporas, temporãs ou maduras.

Traz sempre a casa às costas, e, quando apanha uma réstea de sol, é vê-lo deitar os corninhos de fora. E' por isso que a petizada grita, alegremente,

Caracol, caracol
deita os corninhos ao sol.

Há-os ainda que fazem de escada nas casas que atestam as competências architectónicas ou o aproveitamento do terreno.

Outros, ainda, servem para guizar, o que constitui um bom elemento para a cura da tísica e das queixas de peito.

Este animal tem uma grande predilecção pelas couves de iôlha, o que me obriga a classificá-lo na ordem dos couviberos.

Não está bem averiguada a origem dèste

molusco terrestre, mas crê-se que foi tirado da grenha de algum fauno, na época em que êsses bichos córneos andavam pelos bosques, como o atesta o senhor Aquilino Ribeiro.

A sua idade é variável como a idade das mulheres, pelo que nunca devemos dar crédito aos que afirmam ser o caracol um animal aparecido numa época recente.

Há quem o julgue tão velho como a terra, a lua e o sol, e eu estou em dizer que êle veio ao mundo no dia em que a nossa mãe Eva deu a maçã a comer ao pai Adão, nos jardins do Paraíso.

Zoografílico,

Assistent'e de Zoologia no Instituto de Socorros a Náufragos.

Pensamentos médicos

O homem é um ser infinitamente pequeno.

Dr. Pinto Leite.

Isso é o que lhe parece, meu caro Pinto Leite!

Dr. Santos Silva

As aparências iludem.
Eu, como vocês sabem, sou médico. No entanto, já uma vez passei por artista em um Congresso de Urologia em Paris.

Fiz sucesso com a minha elegância, com os meus casacos de *aparta caroço*, com as minhas calças, com as minhas gravatas... E vai um *estúpido* de um médico parisiense chega-se ao pé de mim e pergunta: *et vous, monsieur, êtes-vous musicien?*

Dr. Armino Moraes.

BARROS



VINHOS DO PORTO
QUALIDADE SUPERIOR

Fatalismo

Quem é?

Quem na cena portuguesa
É elemento de valor?
Quem é que, já, na taberna
Nos mostrou ser grande actor?

Digam, pois, quem é o artista
Que, quando p'ra o Pôrto vem,
Mal anuncia uma peça,
Casa à Cunha logo tem?

SEPOL.

Decifrações do número anterior — Quem é?
Beatriz Costa; *Anexim* «Em casa de ferreiro es-
pêto de pau».

Matadores: Só Darco, Alvarcarso, Tom Mix,
Lizé, Reirobi, João da Sê, Monteiro I e II, Octá-
via Maria, Abd-el-Krim, Fantasma Negro, Ama-
rantino, Rei do Jazz, Bob Custer, Denis King,
Cirrado, Zé Barão, Seugirdor, Harold, Lérias,
Dellim de Freitas, Oinotna, Cardial Mina, Pirlau.

Ensinaamentos práticos

Para ser rico

O leitor até lhe luziu o olho, hein!...
Se parece! Uma lição destas no princípio do
ano e quando a taluda do Natal só saiu a quem...
tinha que perder! Mas a sorte é um grande
azar... para aqueles que, em geral, pagam
para três ou quatro felizes.

Bem; vamos a isto.

Há por aí algum fabiano, pobre como eu,
que não sinta ganas de possuir um peculio-
zinho — uns dez mil contos... para as pri-
meiras impressões?

Se há, que salte para aqui. Mas não há!
Então, leiam o que segue:

Um fulano trata de se encaixar (cuidado,
não seja engavetado!) na direcção ou no con-
selho de administração de uma sociedade anó-
nima. Como é anónima, não se sabe a quem
pertence a massa que os parvos dos accionistas
caíram em largar. E como, logicamente, o que
não é dos outros, é nosso, o fulano supraci-
tado chama às engulideiras a massa supradita.
E pronto.

Outra receita, de menos limpeza, mas de
resultados garantidos: — Arranja-se um lugar
no mercado do peixe ou da hortaliça. Esfola-se
o comprador até virem bocados de carne agar-
rados à pele. E como o consumidor é o último
a pagar é também o que se... lixa!

Terceira e última, esta infalível. — Um gajo
— que para isso deve ser um grande gajo —
antes de nascer, combina com os pais e com
os futuros padrinhos que, quando o atirarem
à pia baptismal, lhe apliquem, sem apelação
nem agravo, o nome de Henrique. E está o caso
resolvido, sem mais aquelas.

Sim, porque toda a gente sabe que o melhor
processo para enriquecer... é ser Henrique!
Já a conheciam? Parabens...

BISNAU.

O meu amigo Eustáquio Paredes é
um fatalista!... Para êle o que tem de
ser tem muita força, e aquilo para que
um homem nasce, é assim mesmo,
etc., etc.

Portanto se um homem está desti-
nado, desde que nasce, a morrer velho,
pode atirar-se ao rio, meter-se numa
camionete, ou tomar rosalgar, que só
depois de velho é que passa desta para
melhor!

Ora um belo dia de Outubro o meu
amigo Eustáquio veio convidar-me para
uma caçada. Aceitei!

Eramos quatro: eu, o Paredes, o
Quim Borges e o Zé Quintino. Combin-
ou-se que levaríamos farnel, pois o
teatro das nossas próximas façanhas
cinagéticas, Muxagata, perto de Foz
Coa, era bastante afastado de qualquer
centro civilizado, onde facilmente se
encontrasse com que satisfazer o apetite
de quatro caçadores...

Cômodamente instalados numa
«Pullmann» de 3.ª classe lá abalamos,
uma bela manhã outoniça, esperançados
em farta colheita de lebres, perdizes
e... quem sabe? Até javalis!

O Quim Borges ostentava a tiracolo
uma gorda cabaça, onde, afirmava,
levava o mais delicioso — *verdioso* —
que Deus e a cepa tinham deitado a
êste mundo.

Houve a princípio protestos de Zé
Quintino que achava dispensável o tal
verdioso, pois passando perto da pro-
priedade de um seu tio morador naque-
les sítios, êle tinha lá um clarete da
Meda que... até já tinha sido cantado
nuns versos que começam assim:

Da Meda o delicioso vinho
Dá sempre satisfação,
Quer bebido por um copinho,
Quer bebido por um cangrião!

Estes versos que estavam a reclamar
a intervenção de um ortopedista, fôram
muito apreciados por todos, e o Pare-

des sempre fatalista, não deixou de
observar:

— Descança homem! Se tivermos
de beber o vinho do teu tio... have-
mos de o beber!

A caçada (?) decorreu sem incidente
de maior, porém as lebres, os coelhos
e vários outros especimes da caça nacio-
nal, ou porque fizessem greve, ou por
que ficassem em casa a ler o *Ecos de*
Cacia, não se dignavam comparecer à
Assembleia Geral venatória, com grande
arrelia do Borges e do Quintino.

E o Paredes sempre fatalista:

— Se tivermos de caçar... caçare-
mos! se não tivermos de caçar, tanto
faz correr como saltar... nada caça-
remos.

E assim iam passando as horas até
que um grito do Zé Quintino nos cha-
mou a atenção:

— Olhem, olhem! Lá está a casa do
meu tio! acolá adiante perto daquelas
carvalhas. Vamos lá ao clarete!

Ouve protestos: Não Senhor! em
primeiro lugar a caçada (?) depois se
iria visitar o tio! E a caçada (?) prose-
guiu.

Ora aconteceu que tendo nós de
saltar um valado, quando coube a vez
ao Borges, êste não firmando bem o
salto, estatelou-se mesmo por cima da
cabaça que estoirou! Mas o pior é que
com a queda o Borges rebolou sobre
uns *vestígios* de boi que lhe deixarem
a cara bastante marcada...

— E' bem feito disse o Quintino;
eu não te disse que não trouxesses a
cabaça?!

— Amigo, sentenciou o Paredes,
batendo amigavelmente no ombro do
Borges. O que tem de ser tem muita
força... Estava escrito que havias de ir
hoje beber da Meda... o delicioso vinho!

— Vão vocês, vociferou o Borges, e
vão todos!!!

...E fomos!

Ivo MAGANO.

Ramalhete

As grandes coisas, é certo,
Começam por não ser nada;
Dêsse beijo que te dei
Resultou grande embrulhada.

Apalpe, mas devagar,
Que eu pretendo ser louçã;
Olhe que o muito apalpar
Apodrece a fruta sã...

Foi num jardim que te amei,
— O ar rescendia a nardos —
Era de noite, e de noite
Todos os gatos são pardos.

Dei-te um beijo e amuaste.
— Eu sei lá porque seria... —
Talvez não fôsse só um
O que o teu rosto pedia.

O sinal que tens no queixo
Podes crer, não me agradou;
Se Deus resolveu marcar-te
Algum defeito te achou.

E' como certos cigarros,
Esse teu amor brejeiro;
Acendem-se, e em seguida
Vão acabar no cinzeiro...

LÉRIAS.



Para o mote

*Peguei os olhos no céu
E o nariz no cometa.*

recebemos as seguintes

GLOSAS:

Ela passou. Braço ao léu,
Perna à vista, de tentar...
Porém eu, p'ra não pecar,
Peguei os olhos no céu.
Mas não sei o que me deu,
Que até fiz uma careta!...
Menina, não me acometa!
— Gritei à grande mãeira —
Meta a bucha a quem a queira
E o nariz no cometa!...

(Santo Túrso).

Adriano X. Nel.

Dos dotes que Deus me deu,
Também entra a astronomia...
Para estudar o que eu qu'ria,
Peguei os olhos no céu!...
Na Serra da Estrela eu
Estava então de luneta,
Para ver a luz da Greta
D'um astro, que cauda dava,
Na cauda, os olhos deitava,
E o nariz no cometa!...

Alfredo Cunha (Raza).

P'ra glosar sem escarcéu,
O mote que vai acima,
Para procurar a rima,
Peguei os olhos no céu.
Quedei-me qual pigmeu,
Julgando, pobre pateta!
Ser fácil impingir a treta...
Que dirá o Artimanha,
Que tem arte e muita manha,
E o nariz no cometa?

Rei Louro.

Que foi que aconteceu
Que o vizinho está a olhar,
Pus-me também a mirar
Peguei os olhos no céu;
E nunca mais me esqueceu
Que foi uma grande p'eta,
Repreendi-o, que não promete
Armar outra mentirola,
Meta a língua na sacola
E o nariz no cometa.

Reirobi.

Procurando um camaféu
Dos mais lindos, mais brilhantes
Dos mais raros diamantes
Peguei os olhos no céu
E avaro como um judeu
Eu quis buscar na faceta
A brilhante silhueta
Da mais bela perfeição
Mas fiquei com a ilusão
E o nariz no cometa.

Delfim de Freitas.

E' tão velho o meu chapéu!
Já durou, já não resiste!
Ao mirá-lo assim tão triste,
Peguei os olhos no céu,
E foi de careca ao léu
Que me lembrei desta treta:
Vou pegar numa jaqueta,
Faço espantalho na horta
Metendo o dedo na porta
E o nariz no cometa!

Tito.

Ao olhar p'ra o rosto teu,
Ao cingir-te de ilanco,
Fiquei c'os lázios em branco,
Peguei os olhos no céu.
Não sei que foi que me deu,
Minha linda, minha preta;
Que eu fiquei meio cegueta,
C'o a bôca torta p'ra o lado,
O cabelo arrepiado,
E o nariz no cometa.

(Acéiro).

Quim Mosquito.

Ouvindo grande escarcéu
E dizer: — Olha o balão!
Como qualquer parvalhão
Peguei os olhos no céu.
Dei, porém, um tal boléu
Num gajo de bicicleta
Que foi parar à valeta,
Dei-lhe cabo do canastro,
Mas sempre de olhos no astro
E o nariz no cometa.

Tripeiro (de gema)

Dei uma vez um boléu
A brincar com uma môça,
Mas como era muito ensossa,
Peguei os olhos no céu,
E disse assim: anjo meu,
Quem não pode não prometa!
Tu não pescas desta treta;
Pões-me aqui de cambalhotas,
Metes-me a alma nas botas,
E o nariz no cometa!

Tripeiro.

Encarei com ar de réu
Este mote um tanto cómico;
Mas com meu gôsto astronómico
Peguei os olhos no céu
E vi lá um fogaréu
A brilhar na noite preta;
Dois namôros davam treta,
E o rapaz, que é dos da tropa,
Crava o óculo na cachopa
E o nariz no cometa!

Zé da Sé.

Não vão fazer escarcéu,
Com esta minha glosa,
Vi a lua luminosa,
Peguei os olhos no céu.
Tapei a cara com véu
Quando vi um planeta,
De rabo e de trombeta
A correr pelo espaço,
Com uma seta no braço
E o nariz no cometa.

O. Maria.

Damião, amigo meu:
Ao ler o seu semanário,
Ficou-me o juízo vário,
Peguei os olhos no céu.
Damião; p'ra o que lhe deu
Sua patusca veneta!
Escute: Deixe a gazeta,
O' meu caciano egrégio,
Meta o «Ecos» no co... légio
E o nariz no cometa.

(Acéiro).

Olegua.

A pensar no olhar teu
E d'um brilho cintilante
Para ver o teu semblante
Peguei os olhos no céu
Onde a lua qual planeta
Só mostrando a silhueta
Me disse tôda enfiada
Vamos lá pr'o laranja!
Verá que não lhe faz mal...
E o nariz no cometa.

Anagrama.

Não rezo, sou um ateu
Como tôda a gente. Agora
Ao vê-la tão sedutora
Peguei os olhos no céu.
Se eu pudesse chamar meu
A êsse corpo... que treta,
Eu não abicho, nem cheta...
O melhor será dizer-lhe:
Quando começar a doer-lhe...
—...*E o nariz no cometa.*

(Maia).

Rutra Luar.

Amostrou-me Galileu
Oh que estrêla radiante,
A pensar no teu semblante
Peguei os olhos no céu.
Mas me diria o caldeu
Por pensar qu'era um planeta
Faça-me uma silhueta
Mas faça-m' a bem feitinha
Que seja torneadinha...
E o nariz no cometa.

Arcadia.

Quando meu tio morreu
Fui logo vê-lo a correr,
E para melhor parecer
Peguei os olhos no céu.
O herdeiro era só eu
De tudo d'êsse forreta
Como eu não tinha cheta
Váli-me da ocasião
De êle estar no caixão
E o nariz no cometa.

Amarantino.

Tenho o corpo como breu
De muito alto voar,
E mesmo sem reparar
Peguei os olhos no céu.
E então com o meu chapéu
Dei uma volta à roleta
E com a cara tôda preta
Cá abaixo vem parar
E para verdade falar
E o nariz no cometa.

Francisco Rodrigues.



No próximo número daremos a conclusão das glosas do mote em concurso e a classificação dos concorrentes.

O MELHOR CAFÉ É O DA BRASILEIRA

PEÇAS E

de teatro
ZELICA



O PODER DA CIENCIA

(Peça em 2 quadros, sendo um de miséria e o outro de riqueza)

PERSONAGENS {
O pobre Xisto dos Anjos
O amigo dedicado
A esposa atribulada
O distinto especialista
O médico assistente

QUADRO I

A cena passa-se na ante-câmara e quarto de Xisto dos Anjos. Luz velada. Passos dados em bicos de pés.

O AMIGO DEDICADO, *para a esposa atribulada* — Então, minha senhora? Como vai o nosso doente!

A ESPOSA ATRIBULADA, *com um suspiro que fêz abanar os bigodes do amigo dedicado* — Ai! Muito mal! Tem levado as noites tôdas a dormir e os dias a comer e a falar. Ora diz o médico assistente que tais sintomas, naturalíssimos numa pessoa sã, são dum péssimo significado, num doente como êle!

O AMIGO DEDICADO, *entre dentes* — O médico que o diz... Mas cá para mim... *(entra, sempre rosando, no quarto do doente)*.

O POBRE XISTO DOS ANJOS, *vendo-o e berrando-lhe da cama*, — Ora viva! Então como vai essa bizzarria?

A ESPOSA ATRIBULADA, *correndo para êle, aflita* — Por Deus, cala-te! Lembra-te das prescrições do doutor!

O POBRE XISTO DOS ANJOS, *dando um murro na mesinha de cabeceira, que fêz saltar uma dúzia de frascos com remédios* — Irra! Nunca julguei que estivesse tão mal! *(encafua-se para de baixo da roupa)*.

O AMIGO DEDICADO, *repetindo* — O médico que o diz... Mas cá para mim...

O MÉDICO ASSISTENTE, *entrando e vendo o doente com a cabeça coberta, imóvel*. — Morreu? Mais uma vez acertei nos meus prognósticos!

A ESPOSA ATRIBULADA — Não, doutor! Ainda está vivo! *(descobre a cabeça de Xisto, que amuado, mastiga entre dentes qualquer palavra muito arrastada, com muitos rr)*.

O AMIGO DEDICADO — Mas... Doutor! Qual lhe parece ser a doença do meu amigo?

O MÉDICO ASSISTENTE, *de olhos no teto, pigarreando* — Pelos sinais anamnésticos e semiológicos, pelo *fáciés*, pelo síndrome colhido e idiosincrasia observada, leva-me a pensar numa angiocolecistite, proveniente da pelvi-peritonite que, com pesi-viscerite, resultou da tiflo-colite enxertada na sua velha sigmóidite.

O AMIGO DEDICADO, *de boca aberta* — Mas...

O MÉDICO ASSISTENTE — Sim! Sei o que vai dizer-me. Como êle se chama Xisto, o senhor pensa, como aliás já pensava o meu colega anterior, que era de Viseu, tratar-se duma *xistite*, não?

O AMIGO DEDICADO — Eu não penso nada. Mas...

O POBRE XISTO DOS ANJOS, *levantando-se da cama de repelão* — Visto que estou assim tão mal, o que quero é que acabem de-pressa comigo!

O MÉDICO ASSISTENTE — Descance,

meu amigo; já que assim o quer, iremos amanhã a um especialista!

QUADRO II

Sala de operações. O Distinto Especialista prepara-se para operar o pobre Xisto dos Anjos. O Médico Assistente ajuda.

O POBRE XISTO DOS ANJOS, *levantando a cabeça um pouco da mesa* — Doutor! Não seria melhor, antes de começarem, regularmos as nossas contas? Compreende!... Há viver e morrer...

O DISTINTO ESPECIALISTA — Descanse, meu amigo! Esta operação é simplíssima! Uma banal laparatomia com ablação total de alguns órgãos essenciais à vida! *(calçando as luvas de borracha)* Não se apoquente! O pagamento, se não fôr feito agora por si, sê-lo-á, depois da operação, pelos seus herdeiros!

Tableau

Dr. KNOX.

CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: A revista em 2 actos e 15 quadros *Pirilau*.

Carlos Alberto: A revista em 2 actos e 15 quadros *O Dia das Romarias*.

Rivoli: A alegre revista-opereta *Pernas ao ar!*

Trindade: O luxuosíssimo filme-opereta *O Príncipe da Arcadia*.

Olimpia: A divertida comédia *Os 5 do Jazz*.

Batatha: A super-produção sonora *O expresso de Changal*.

**Brevemente daremos início
à segunda série do célebre
jôgo da “Maria Rita”**

— P I M - P A M - P U M —

**Preparem-se todos para o jogar,
que êle é um dos melhores ele-
mentos de distração e dá proveito,
para o qual basta ter boa pontaria.**

O melhor passatempo e o mais lucrativo

**Na segunda página dêste numero publicamos a relação
de alguns dos concorrentes ao interessante “Jôgo do Quino”.**